

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2020
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho | Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

9 Páginas

A prova inclui 5 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final (itens **II – 1.**, **II – 2.**, **II – 3.**, **II – 4.** e **III**). Dos restantes 10 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 8 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia os dois textos e as notas.

Até noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, removeu a amarga certeza de que sempre, através de toda a sua vida (quase desde o colégio de S. Fiel!), não cessara de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o voo para qualquer ave — só para ele constantemente rematados por dor, vergonha ou perda! À entrada da vida escolhe com entusiasmo um confidente, um irmão, que traz para a quieta intimidade da Torre — e logo esse homem se apodera ligeiramente do coração de Gracinha e ultrajosamente a abandona! Depois concebe o desejo tão corrente de penetrar na vida política — e logo o acaso o força a que se renda e se acolha à influência desse mesmo homem, agora autoridade poderosa, por ele durante todos esses anos de despeito tão detestada e chasqueada¹! Depois abre ao amigo, agora restabelecido na sua convivência, a porta dos Cunhais, confiado na seriedade, no rígido orgulho da irmã — e logo a irmã se abandona ao antigo enganador, sem luta, na primeira tarde em que se encontra com ele na sombra favorável de um caramanchão²! Agora pensa em casar com uma mulher que lhe oferecia com uma grande beleza uma grande fortuna — e imediatamente um companheiro de Vila-Clara passa e segreda: «A mulher que escolheste, Gonçalinho, é uma marafona cheia de amantes!» Decerto essa mulher não a amava com um amor nobre e forte! Mas decidira acomodar nos formosos braços dela, muito confortavelmente, a sua sorte insegura — e eis que logo desaba, com esmagadora pontualidade, a humilhação costumada. Realmente o destino malhava sobre ele com rancor desmedido!

— E porquê? murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco. — Em vida tão curta, tanta decepção... Porquê? Pobre de mim!

Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, edição de Helena Cidade Moura, 18.^a ed., Lisboa, Livros do Brasil, 2015, pp. 294-295.

Uma sombria tarde de dezembro, de grande chuva, Afonso da Maia estava no seu escritório lendo, quando a porta se abriu violentamente, e, alçando os olhos do livro, viu Pedro diante de si. Vinha todo enlameado, desalinhado, e na sua face lívida, sob os cabelos revoltos, luzia um olhar de loucura. O velho ergueu-se aterrado. E Pedro sem uma palavra atirou-se aos braços do pai, rompeu a chorar perdidamente.

— Pedro! Que sucedeu, filho?

Maria³ morrera, talvez! Uma alegria cruel invadiu-o, à ideia do filho livre para sempre dos Monfortes, voltando-lhe, trazendo à sua solidão os dois netos, toda uma descendência para amar! E repetia, trémulo também, desprendendo-o de si com grande amor:

— Sossega, filho, que foi?

Pedro então caiu para o canapé, como cai um corpo morto; e levantando para o pai um rosto devastado, envelhecido, disse, palavra a palavra, numa voz surda:

— Estive fora de Lisboa dois dias... Voltei esta manhã... A Maria tinha fugido de casa com a pequena... Partiu com um homem, um italiano... E aqui estou!

Afonso da Maia ficou diante do filho, quedo, mudo, como uma figura de pedra; e a sua bela face, onde todo o sangue subira, enchia-se, pouco a pouco, de uma grande cólera. Viu, num relance, o escândalo, a cidade galhofando, as paixões, o seu nome pela lama. E era aquele filho que, desprezando a sua autoridade, ligando-se a essa criatura, estragara o sangue da raça, cobria agora a sua casa de vexame. E ali estava, ali jazia sem um grito, sem um furor, um arranque brutal de homem traído! Vinha atirar-se para um sofá, chorando miseravelmente! Isto indignou-o, e rompeu a passear pela sala, rígido e áspero, cerrando os lábios para que não lhe escapassem as palavras de ira e de injúria que lhe enchiam o peito em tumulto... — Mas era pai: ouvia, ali ao seu lado, aquele soluçar de funda dor; via tremer aquele pobre corpo desgraçado que ele outrora embalara nos braços... Parou junto de Pedro, tomou-lhe gravemente a cabeça entre as mãos, e beijou-o na testa, uma vez, outra vez, como se ele fosse ainda criança, restituindo-lhe ali e para sempre a sua ternura inteira.

Eça de Queiroz, *Os Maias*, edição de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, 1998, pp. 44-45.

NOTAS

¹ *chasqueada* – ridicularizada.

² *caramanchão* – construção de canas, ripas, estacas ou outros materiais, onde se entrelaçam trepadeiras, formando um espaço de sombra e de frescura.

³ *Maria* – Maria Monforte, esposa de Pedro da Maia.

1. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

No excerto de *A Ilustre Casa de Ramires*, Gonçalo reflete sobre a sua vida, marcada pela fatalidade, evidente na expressão **a)**. Essa fatalidade persegue-o mesmo nas situações mais comuns e inesperadas, como se deduz a partir da expressão **b)**. Com efeito, ao fazer o balanço da sua vida, a personagem considera ter sido constantemente vítima de comportamentos que perspetiva como **c)**.

a)	b)	c)
1. «confiado na seriedade» (linha 11)	1. «tão seguros para qualquer homem como o voo para qualquer ave» (linhas 3 e 4)	1. abandonos
2. «uma grande fortuna» (linha 14)	2. «o desejo tão corrente de penetrar na vida política» (linhas 7 e 8)	2. deslealdades
3. «com esmagadora pontualidade» (linha 18)	3. «acomodar nos formosos braços dela, muito confortavelmente, a sua sorte insegura» (linha 17)	3. vinganças

2. Compare, com base em dois aspetos distintos, a atitude de Gonçalo com a atitude de Pedro perante o sofrimento e a adversidade.

3. Explícite a evolução dos sentimentos de Afonso da Maia no excerto de *Os Maias*.

PARTE B

Leia o poema.

Não sei. Falta-me um sentido, um tato
Para a vida, para o amor, para a glória...
Para que serve qualquer história,
Ou qualquer facto?

5 Estou só, só como ninguém ainda estive,
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.

10 Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma cousa como qualquer cousa que já vi.

15 Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer cousa que nada tornasse útil ou feia,
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.

Fernando Pessoa, *Poesia 1902-1917*, edição de Manuela Parreira da Silva,
Ana Maria Freitas, Madalena Dine, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 400.

4. Refira quatro traços caracterizadores do estado de espírito do sujeito poético nos versos 1 a 12.
5. Interprete o desejo expresso pelo sujeito poético na última estrofe, enquanto conclusão do poema.

6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

A expressividade deste poema é construída através de diferentes processos, nomeadamente o uso de recursos expressivos e de vocábulos com determinada carga semântica. Na segunda estrofe, o sujeito poético exprime a sua perceção de que apenas existe o momento presente ao utilizar a expressão **a)**. Ainda assim, através do recurso à **b)**, nos versos 7 e 8, e à metáfora, em **c)**, evidencia ter consciência da passagem do tempo.

a)	b)	c)
1. «como ninguém ainda esteve» (v. 5)	1. gradação	1. «uma cousa como qualquer cousa que já vi» (v. 12)
2. «sem depois nem antes» (v. 6)	2. personificação	2. «Sem vida, sem morte material» (v. 14)
3. «passam sem ver-me os instantes» (v. 7)	3. antítese	3. «Uma sombra num chão irreal» (v. 16)

PARTE C

7. Em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, são vários os aspetos que conferem uma dimensão trágica à obra, nomeadamente a mudança do espaço onde vai decorrendo a ação.

Escreva uma breve exposição na qual comprove esta afirmação, baseando-se na sua experiência de leitura da peça.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refira duas alterações significativas observáveis no espaço em que decorre a ação e explique o modo como essas alterações contribuem para a dimensão trágica da obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

É com uma cenografia deslumbrante, de José Manuel Castanheira, que nos deparamos ao sentarmo-nos na plateia do Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada. Ficámos encantados, naturalmente, pela beleza do artefacto em si, pela sua originalidade, mas também pelo interesse em saber como se comporta quando habitada pelos atores. E, de facto, uma vez iniciado o espetáculo, compreendemos que dialoga em absoluto com a encenação, induz movimentos pendulares de instabilidade/estabilidade, promove o jogo e o prazer na representação dos atores, a comprovar a importância essencial da cenografia como elemento fundamental na criação de soluções na cena. [...]

10 Falamos de *Reinar depois de morrer* (c. 1640), de Luis Vélez de Guevara (1579-1644), [...] considerada, pela professora e hispanista Maria Fernanda Abreu, no prefácio à edição portuguesa, «a mais importante tragédia desse magno período da dramaturgia ibérica», o século de ouro espanhol. É uma estreia absoluta em Portugal, em belíssima tradução do poeta Nuno Júdice, publicada pela Companhia de Teatro de Almada, na sua coleção de Teatro, com direção editorial de Rodrigo Francisco. [...]

15 Nesta tragédia, segundo Nuno Júdice, o autor «desenvolve, num estilo já anunciador do Barroco, uma complexidade de sentimentos e de conflitos (...) que elevam a peça a um grau elevado de construção literária», o que reveste de coragem a escolha para a sua encenação. Porém, temos a felicidade de assistir à versão de José Gabriel Antuñano, teatrólogo, professor, dramaturgista, crítico que, com grande sabedoria e conhecimento, realizou uma partitura
20 excepcional, uma montagem pró-cinematográfica a tornar possível que atores e público do século XXI se impressionem e partilhem emoções universais, como o exacerbamento das paixões e a reflexão política sobre o conflito entre a liberdade individual e o poder do estado, que esta tragédia tão poeticamente transmite.

O seu trabalho fica notabilizado na rica, inventiva e dinâmica encenação do jovem Ignácio
25 García (1977) — que também compõe a música —, especialista em direção de repertório espanhol que, em diálogo com a cenografia, realça a «metáfora aquática na história de Inês de Castro e a sua fonte das lágrimas», ou o fragmento de um leito de um rio através do qual a «corrente do destino arrasta as personagens para a morte». Mas também o sonho de premonição de morte, presente no texto e no tratamento azulejar do cenário, a que a
30 encenação aduz camadas de significação poética e que, a par dos inspirados e belos figurinos, vestiu os atores de graça e de rigor, a oferecer-nos este tesouro barroco em perfeita harmonia com o horizonte de expectativa do público.

Por último, mas, com certeza, os primeiros, os atores surgem numa distribuição exemplar e bem dirigidos, com conhecimento da forma de elocução de teatro barroco em verso, sem
35 cesuras, respirando nos tempos certos, com manifesto à-vontade com a linguagem e com o movimento, evidenciando os matizes das personagens. [...]

Uma palavra de apreço para a iluminação que soube ampliar a simbologia e os cromatismos presentes na cenografia e nos figurinos, clarificando a sua polissemia. Oportunidade única de assistir a um sofisticado e feliz espetáculo sobre um dos mais belos mitos do nosso imaginário
40 que a Companhia de Teatro de Almada nos propõe.

Helena Simões, «Reinar depois de viver», in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 6 a 19 de novembro de 2019, p. 25.

1. Relativamente ao género, o texto apresentado é

- (A) uma reportagem, dado que apresenta uma informação objetiva sobre uma multiplicidade de aspetos relativos à representação teatral.
- (B) uma apreciação crítica, pois consiste na descrição sucinta de aspetos relativos à representação teatral, acompanhada de comentários críticos.
- (C) um texto de opinião, dado que nele se expressa um ponto de vista sobre a obra de Luis Vélez de Guevara, fundamentado em argumentos e em exemplos.
- (D) uma exposição sobre um tema, pois possui concisão e carácter demonstrativo, visando elucidar todo o trabalho por detrás da representação teatral.

2. O recurso à expressão «de facto» (linha 4) sublinha a ideia de que a excecionalidade da cenografia se deve à

- (A) sua beleza.
- (B) movimentação que gera.
- (C) sua originalidade.
- (D) simbiose com a encenação.

3. A autora considera que a encenação de uma peça do século XVII é um ato «de coragem» (linha 17), porque

- (A) o texto, abordando uma multiplicidade de sentimentos, é uma construção complexa.
- (B) o texto, sendo bastante antigo, se afasta das temáticas que interessam o público atual.
- (C) Antuñano lhe inculcou, poeticamente, emoções e sentimentos exacerbados.
- (D) Antuñano conseguiu, com mestria, criar uma versão associada à música.

4. Nos três últimos parágrafos, a autora enfatiza, entre outros aspetos,

- (A) a qualidade da tradução da obra, a música e os figurinos representativos da época.
- (B) a linguagem barroca, o cromatismo da cenografia e a qualidade da adaptação teatral.
- (C) a presença de elementos metafóricos, a eloquência dos atores e a importância da luz.
- (D) a publicação da peça em Portugal, a direção dos atores e a sofisticação da iluminação.

5. Todas as orações abaixo transcritas são adjetivas relativas, **exceto** a oração

- (A) «que, com grande sabedoria e conhecimento, realizou uma partitura excecional» (linhas 19 e 20).
- (B) «que atores e público do século XXI se impressionem e partilhem emoções» (linhas 20 e 21).
- (C) «que esta tragédia tão poeticamente transmite» (linha 23).
- (D) «que também compõe a música» (linha 25).

6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas por:

- a) «encantados» (linha 2);
- b) «com a encenação» (linha 5).

7. Complete as afirmações seguintes, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

O sentido de *poli-* na palavra «polissemia» (linha 38) é o mesmo que ocorre na palavra ____ **a)** ____.
Na língua portuguesa, muitas palavras são polissémicas, como é o caso de «magno» (linha 11); no texto, esta palavra é usada com o sentido de ____ **b)** ____.

As palavras podem também organizar-se em campos lexicais. Por exemplo, nos dois primeiros parágrafos do texto, encontramos vocábulos que integram o mesmo campo lexical, como é o caso de ____ **c)** ____.

a)	b)	c)
1. polinização	1. extenso	1. «cenografia» (linha 1) e «encenação» (linha 5)
2. policiamento	2. antigo	2. «atores» (linha 4) e «prefácio» (linha 10)
3. polivalência	3. notável	3. «tragédia» (linha 11) e «direção» (linha 14)

GRUPO III

Será que as personagens de ficção constituem apenas uma fonte de entretenimento ou podem também contribuir para o nosso autoconhecimento e para um mais profundo entendimento do mundo?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2020/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 5 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo							Subtotal
	II				III			
	1.	2.	3.	4.				
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	44			96
Destes 10 itens, contribuem para a classificação final da prova os 8 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo I							Subtotal
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	Grupo II							
	5.	6.	7.					
Cotação (em pontos)	8 x 13 pontos							104
TOTAL								200